

Problematizando Questões de Gênero em um Episódio da Série de Animação “Os Simpsons”

Problematizando Cuestiones de Género en un episodio de la Serie de Animación “Los Simpson”

To problematize gender questions in one of “The Simpsons” episode

Mariana Amaral da Silva¹

Nicole Telmo Jodar²

Raquel Pereira Quadrado³

Resumo

Os artefatos culturais produzem saberes e significados sobre as coisas e as pessoas. Entendemos que a mídia, através desses artefatos, possui sua própria pedagogia que nos ensina maneiras de ser e estar no mundo, operando na constituição de subjetividades e sujeitos na sociedade contemporânea. Nossos estudos têm como base os Estudos Culturais, na sua vertente pós-estruturalista, destacando o efeito das mídias na produção dos corpos e gêneros. Nesse trabalho, nossa proposta é analisar um episódio da série de animação “Os Simpsons”, que satiriza o estilo de vida, cultura e sociedade norte-americana. O episódio analisado problematiza as representações do gênero feminino e a imagem da mulher em uma sociedade patriarcal.

Palavras-chave: Estudos culturais; gênero; artefatos culturais; televisão.

Resumen

Los artefactos culturales producen saberes y significados sobre las cosas y las personas. Comprendemos que la prensa, por medio de estos artefactos, posee su propia pedagogía que nos enseña modos de ser y estar en el mundo ejecutando en la construcción de subjetividad y sujetos en la sociedad contemporánea. Nuestra pesquisa tiene como base los Estudios Culturales destacando el efecto de la prensa en la producción de cuerpos y género. En este trabajo, nuestra propuesta es analizar un episodio de la serie de animación “Los Simpson” que satiriza el estilo de vida, cultura y sociedad norte-americana. El episodio analizado problematiza las representaciones de género femenino y la imagen de la mujer en una sociedad patriarcal.

Palabras- Clave: Estudios Culturales; género, artefactos culturales; televisión.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Rio Grande; Rio Grande do Sul; Brasil; mariana.amaral28@gmail.com.

² Graduada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Rio Grande; Rio Grande do Sul; Brasil; nicolejodar@hotmail.com.

³ Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Professora do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e do Programa de Pós-Graduação em Educação da FURG; Rio Grande; Rio Grande do Sul; Brasil; raquelquadrado@hotmail.com.

Abstract

Cultural artifacts produce knowledge and meanings about things and people. We understand that the media, through these artifacts, has its own pedagogy that teaches us ways of understand ourselves and who we are in the world, operating in the constitution of subjectivities and subjects in contemporary society. Our studies are based on Cultural Studies, in its poststructuralist aspect, highlighting the effect of media in the production of bodies and genders. In this paper, our proposal is to analyze an episode of the animated series "The Simpsons", which satirizes the American lifestyle, culture and society. The analyzed episode problematizes the representations of the feminine gender and the girl's image in a patriarchal society.

Keywords: Cultural Studies; gender; cultural artifact; television.

1. Contextualização

A perspectiva teórica dos Estudos Culturais, em sua vertente pós-estruturalista, compreende a mídia como uma instância produtora de saberes e de conhecimentos. Entendendo a televisão como uma pedagogia cultural que nos ensina e influencia na construção de nossas identidades e subjetividades, pensamos ser potente a abordagem de temas como o que será aqui discutido, visto que, o seriado por meio de uma crítica, apresenta questões que precisam ser problematizadas buscando causar algumas rupturas nos discursos que acabam por produzir modos socialmente corretos de ser mulher na contemporaneidade.

Nesse sentido, podemos considerar as pedagogias culturais como:

[...] ferramenta que permite mostrar quais e como outros espaços, para além da escola produzem ações do sujeito, o subjetivam e o conduzem; um processo também entendido como educativo, mas cujos objetivos são distintos daqueles da educação promovida mediante o desenvolvimento de experiências curriculares na escola (ANDRADE; COSTA, 2015, p.55).

No presente trabalho, direcionamos a discussão para os discursos machistas socialmente enraizados, que ditam o que uma mulher deve ou não ser/fazer, desvalorizando características físicas e culturais do gênero feminino, atribuindo-lhe inferioridade em relação ao gênero masculino, denunciados sob forma de sátira no episódio analisado.

2. Objetivos

O objetivo desse trabalho é discutir as representações de gênero e a imagem da mulher analisando um episódio da série de animação "Os Simpsons" intitulado "Lisa vs Malibu Stacy".

3. Metodologia

Analisamos um episódio da série de animação "Os Simpsons", que tem como protagonista a família Simpson, composta por um casal e seus três filhos, intitulado, em sua versão dublada, como "Lisa vs Malibu Stacy". O episódio faz parte da quinta temporada da

série, que atualmente está em sua décima nona temporada e ainda é transmitida pelo canal Fox na TV por assinatura. O episódio analisado tem aproximadamente 30 minutos e traz algumas questões sobre gênero.

Ancoradas na perspectiva dos estudos culturais e de gênero, em sua vertente pós-estruturalista, analisamos e interpretamos os significados contidos nas enunciações presentes no episódio, partindo da premissa de que as mídias produzem significados e atuam na formação de identidades e subjetividades, tendo participação direta na maneira de pensar e agir dos sujeitos. Como aponta Fisher:

Não há dúvidas, por exemplo, de que a TV seria um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero (isto é, de como “são” ou “devem ser” homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais. (2012, p. 18)

O episódio em questão evidencia o quanto situações de supervalorização do gênero masculino são comuns no nosso cotidiano, muitas vezes passando despercebidas, uma vez que o machismo é um comportamento considerado naturalizado no modelo de sociedade na qual estamos inseridos.

Sabendo que “a tarefa da análise cultural consiste em desconstruir, em expor esse processo de naturalização” (SILVA, 2015, p.134), utilizamos essa metodologia para discutir as representações do gênero feminino presentes nos discursos abordados criticamente no episódio analisado.

Ao utilizar esta ferramenta metodológica buscamos desconstruir essas representações tidas por verdades, desnaturalizando discursos, colocando os mesmos sob suspeita. Como aponta Trindade:

A análise cultural trabalha sempre com uma pluralidade de significações de uma época para a outra e em uma mesma época, visando mostrar como ocorreu a invenção de determinadas verdades, os deslocamentos por que passaram, as disputas que enfrentaram nos campos dos conhecimentos científico, político, social e cultural (TRINDADE, 2007, p. 42).

Assim sendo, a Análise Cultural atua como uma perspectiva, uma maneira de olhar criticamente para as produções culturais, tornando-as o objeto de pesquisa. De acordo com Tourinho e Martins, “esta ideia está ancorada numa premissa dos Estudos Culturais: qualquer artefato é passível de gerar aprendizagem, ou seja, pode-se criar pedagogias, modos de ensinar e possibilidades de aprender a partir de qualquer artefato cultural.” (2015, p. 34) Nesse artigo, voltamos nossos olhares para a televisão, por entender que esse artefato constitui uma potente pedagogia cultural, que ensina modos de ser e estar no mundo e, principalmente, maneiras de

comportar-se como homem e como mulher, delimitando o papel que cada gênero deve ou não assumir na sociedade.

4. Resultados e discussões

Depois de anos adorando a boneca Malibu Stacy, Lisa Simpson (a filha mais velha do casal Marge e Homer Simpson) se decepciona quando uma outra versão da boneca passa a ser comercializada. Isso acontece porque a nova Malibu é uma boneca falante que só reproduz frases machistas e ofensivas para a mulher. Logo que ganha a boneca, Lisa aguarda ansiosa pra ouvir o que sua boneca favorita tem a dizer e se depara com frases como “Vamos fazer biscoitos para os meninos!” “Quero que ensinem a fazer compras na escola.” “Meu nome é Stacy, mas podem me chamar de fiu fiu (onomatopeia para assovio) “Pensar demais vai me deixar com rugas”. Lisa, que se declara feminista, fica desesperada e chega a questionar a própria boneca, perguntando se a mesma não teria nada de relevante a dizer, já que menina esperou tanto por esse momento. E a boneca responde: “Não me pergunte! Sou apenas uma garota!”.



Fig.1 Lisa inconformada depois de ouvir a boneca falante

Fonte: <https://meblogwritegood.wordpress.com>

Ao longo do episódio, várias frases menosprezando o gênero feminino são ditas pela boneca e, todas as mulheres, como é o caso das amigas de Lisa, sua mãe e até mesmo a moça na qual foi baseada a boneca Malibu Stacy, não percebem o quão ofensivo é o discurso intrínseco nessas palavras, tendem a naturalizá-lo. Nesse ponto, podemos perceber que o

seriado problematiza a questão da suposta superioridade masculina como uma problemática social, independente do gênero. As mulheres, constituídas na e pela cultura machista, apresentam atitudes que colaboram para a desvalorização do próprio gênero ao qual pertencem, legitimando cada vez mais esse tipo de comportamento e reforçando uma cultura que as desmerece.

Revoltada, Lisa localiza a criadora original da boneca e argumenta que o brinquedo é um mau exemplo para todas as meninas e a convence a criar uma nova boneca que diga somente palavras de incentivo e positivas para que todas as meninas saibam que podem ser muito mais do que aquilo que a boneca lhes disse.



Fig. 2 Lisa pedindo ajuda à verdadeira Malibu Stacy

Fonte: <http://simpsons.wikia.com/wiki>

A nova boneca recebe o nome de Lisa Coração de Leão e inicialmente é um sucesso, porém os fabricantes lançam logo uma nova Malibu Stacy que tira a boneca projetada por Lisa de circulação, já que todas as meninas preferem a Malibu, que é exatamente a mesma de antes, porém com um chapéu novo.

Através das discussões propostas nesse episódio, compreendemos o quanto o discurso machista é socialmente legitimado e as dificuldades na promoção de rachaduras nesse sistema.

Nesse ponto, cabe destacar que entendemos o discurso através de Foucault: como prática social. Por essa perspectiva, o discurso é produzido em razão das relações de poder e produz “verdades” sobre os sujeitos, constituindo suas identidades. Nas palavras do autor:

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema de livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios de outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 1996, p. 17)

O discurso machista é normalmente embasado em argumentações biológicas que determinam as diferenças entre homens e mulheres como algo natural e, conseqüentemente, lhes atribuem os papéis que cada um deve desempenhar, valendo-se do rótulo de verdade incontestável que a ciência carrega e ignorando o fato de que os gêneros são construídos socialmente, no contexto de uma determinada cultura e, assim sendo, carregam marcas dessa cultura. Como aponta Louro:

É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (LOURO, 1997, p. 21)

As “verdades” associadas aos gêneros são construídas de acordo com o contexto social, histórico, econômico e cultural, ou seja, somos nós quem determinamos o que significa ser homem ou ser mulher, através da linguagem, que é dotada do poder de criar e atribuir significados. Segundo essa mesma autora:

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO, 1997, p. 22)

A história da mulher é baseada em uma hierarquia, em que os dois gêneros assumem valores diferentes, sendo o do masculino superior ao do feminino. Atribuímos isso ao fato de que a história foi, tradicionalmente, escrita por mãos masculinas, foram os homens que descreveram as mulheres. Assim, a mulher tem sido historicamente ignorada, excluída.

O estereótipo comum da mulher submissa e inferiorizada, apresentado no episódio analisado, é, portanto, consequência de processos históricos e sociais que assumem por verdade

as distinções que foram construídas sobre os gêneros, bem como lhes atribui superioridade ou inferioridade. Como aponta Colling:

Neste sentido o corpo feminino é um texto histórico, escrito diversamente ao longo do tempo. Por este motivo, não existe “um” corpo feminino, não existe uma natureza feminina, mas uma cultura em que durante séculos as mulheres foram encaradas como seres naturais. A mulher, como o homem, é algo produzido e não pode indagar ao fundo de si para resgatar uma essência. Não existe a verdadeira mulher, pois “verdadeira” e “mulher” são conceitos criados, portanto, aparências, superfícies, produções. Sob os conceitos, não há nada que possa ser chamado mulher, mas somente relações de poder e de hierarquia socialmente construídas. (COLLING, 2014, p. 27)

Para essa autora, a condição das mulheres não está determinada pela natureza, biologia ou sexo, mas é resultante de invenções sociais e políticas. Nesse sentido, se faz necessário criticar, desconstruir estereótipos universais e valores associados à natureza feminina. É preciso expor a historicidade para compreender o caráter construído dos gêneros, que nada tem de natural.

Para desconstruir a ideia de que a natureza é o único fator atuante na construção das mulheres, de que todas as mulheres devem ser e se comportar da mesma maneira porque a natureza quis assim, é importante que se problematize, que se faça o exercício de questionar essas “verdades”. Acreditamos que trazer à luz essas discussões é crucial para que possamos compreender que a linguagem determina verdades e nos subjetiva e, assim sendo, que os gêneros feminino e masculino são construções sociais, históricas e linguísticas.

Aqui, consideramos necessário ressaltar a importância dos artefatos culturais, que constituindo sua própria pedagogia, ensinam e educam os sujeitos para além dos muros da escola, podendo atuar na produção de novos saberes e significados. Para Goellner:

Filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam. Dizem também de nossos corpos e, por vezes, de forma tão sutil que nem mesmo percebemos o quanto somos capturadas/os e produzidas/os pelo que lá se diz. (GOELLNER, 2003, p. 29)

Dessa forma, consideramos potente a abordagem do tema, uma vez que o seriado é um programa de grande alcance, capaz de promover discussões, problematizações e colocar em dúvida “verdades” tidas como naturalizadas, contribuindo para uma outra maneira de pensar questões de gênero e representatividade feminina, levando em consideração o caráter construído dos modelos de masculinidade e feminilidade e entendendo que é necessário repensar esses significados.

5. Considerações finais

O episódio analisado problematiza a inferioridade atribuída ao gênero feminino e, conseqüentemente, discute alguns comportamentos comuns no cotidiano de uma sociedade pautada na superioridade masculina. Os personagens reproduzem falas e atitudes culturalmente aceitas pela sociedade como marcadores do gênero feminino. Analisando as enunciações nesse episódio, é possível perceber o quanto esses discursos são naturalizados e reforçados cotidianamente, muitas vezes sem que ninguém perceba o que está reproduzindo, o que torna complicada a tarefa de subverter a lógica e tentar qualquer ruptura dentro dessa cultura.

Nesse sentido, pensamos que a problemática abordada no seriado se faz necessária diante desse quadro, uma vez que a televisão é um artefato cultural de grande alcance e capaz de ensinar e educar os sujeitos na contemporaneidade, promovendo debates e discussões. A partir da crítica que o seriado tece através do olhar de Lisa Simpson, fica evidente que qualquer tipo de pensamento ou comportamento que beneficia ou deprecia os sujeitos de acordo com seu gênero é nocivo e já não deveria caber em nossa sociedade. Problematizar e questionar supostas “verdades” sobre o que significa ser mulher, significa buscar a igualdade entre os gêneros.

Referências

- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, v.17, n.34, mai./ago. 2015. p. 48-63.
- COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados: Ed. UFGD, 2014.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. 4 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 160p.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 6ª ed. 1997.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2015. 154p.
- TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Entre percalços e desejos: sobre a insurgência e possibilidades das pedagogias culturais. *Textura*, Canoas, v. 17, n. 34. p. 32-47. Mai/ago. 2015. Disponível em: < <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1466>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. Uma análise cultural de discursos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento e suas representações. *Revista Educação*, Santa Maria, v. 32, n. 01, 2007, p. 41-58. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/download/659/470>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.